

Taxa de alfabetização avança, mas país ainda tem 11 milhões sem ler e escrever

Taxa de alfabetização avança, mas segue desigual

Censo 2022 aponta queda no percentual dos que não sabem ler e escrever no país para 7%, contingente que ainda representa 11,4 milhões de brasileiros. Indicador continua maior no Nordeste e entre negros e indígenas

PÂMELA DIAN
pamela.dian@globo.com

O percentual de brasileiros que sabem ler e escrever avançou nos últimos 12 anos e alcançou a marca de 93%, mas o país ainda apresenta desigualdades regionais e raciais em seus indicadores de alfabetização. O cenário é apontado por novos dados do Censo 2022 divulgados ontem pelo IBGE. Em números absolutos, entre os 163 milhões de habitantes com 15 anos de idade ou mais no país, 151,5 milhões sabem ler e escrever um bilhete simples e 11,4 milhões não sabem.

Os dados indicam que o analfabetismo caiu 2,6 pontos percentuais, para 7%, em relação ao Censo de 2010, quando 9,6% da população não sabiam ler e escrever. Em 1940, segundo a série histórica do IBGE, os números mostravam um Brasil ainda mais sem instrução: menos da metade da população (44%) era alfabetizada.

Segundo o instituto, a queda na taxa de analfabetismo em todas as faixas etárias reflete, principalmente, a expansão educacional e a transição demográfica no país. O IBGE considera alfabetizados as pessoas que sabem ler e escrever pelo menos um bilhete simples ou uma lista de compras, no idioma que conhece, independentemente de estar ou não frequentando escola ou de ter concluído períodos letivos.

Também são contabilizados indivíduos que utilizam o Sistema Braille e que tenham habilidade para a leitura ou escrita, mas se tornaram fisicamente ou mentalmente incapacitados.

Entre as regiões, o Nordeste permaneceu com a maior taxa de analfabetismo. A população que não sabe ler e escrever soma 14,2%, índice que representa, portanto, o dobro da média nacional. No Sul e Sudeste, o índice é inferior a 4%. Em comparação à última edição da pesquisa, de 2010, no entanto, o Nordeste apresentou relativa melhora no número de alfabetizados: um salto de 80,9% para 85,79%, em 2022.

Na recorte por estados, Santa Catarina e o Distrito Federal são as unidades federativas com as maiores



Desafios. Aula de alfabetização em praça do Rio: população que não sabe ler e escrever recua em 12 anos, mas grupo ainda soma 11,4 milhões de brasileiros

taxas de alfabetização, com indicadores acima de 97%.

Por outro lado, Alagoas e Piauí apresentam os piores índices — 82,3% e 82,8%, respectivamente.

No Brasil, 50 municípios têm indicadores de analfabetismo iguais ou superiores a 30% — 48 dessas cidades estão no Nordeste. As únicas exceções do grupo são Alto Alegre e Amajari, em Roraima, no Norte. No outro extremo, estão os 50 municípios com os menores índices de analfabetismo do país — todos no Sul e Sudeste.

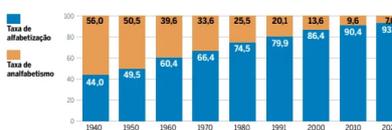
PASSOS LENTOS
Para a especialista em educação Claudia Costin, ex-diretora global de educação do Banco Mundial, os dados representam uma tendência de evolução da escolaridade no país, mas a passos lentos.

— Estamos pagando um preço alto por conta da demora em universalizar o acesso à educação primária. Em 1930, apenas 21% dos brasileiros estavam alfabetizados, enquanto na Argentina esse número já era de 63%. Ao final dos anos 1960, quando o acesso já era mais democratizado ao redor do mundo, no Brasil tínhamos uma taxa de 40% das pessoas sabendo ler e escrever — afirma.

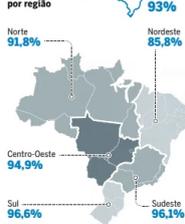
Quando considerada a faixa etária, a população mais alfabetizada no Brasil tem entre 15 e 19 anos de idade: apenas 1,5% deles não sabem ler e escrever. Em comparação ao Censo 2000, a taxa de analfabetis-

DADOS DO CENSO

Taxa de alfabetização e taxa de analfabetismo de 1940 a 2022 (em %)



Taxa de alfabetização por região



Taxa de analfabetismo por cor ou raça (em %)



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2022/2022

GABRIEL DE PAIVA / (2) 09 2022

mo nesse segmento caiu 3,5 pontos percentuais. Já a população idosa é a que menos sabe ler e escrever (leia mais abaixo).

Em 2022, o país registrou uma queda na taxa de analfabetismo em todos os grupos por cor ou raça. No entanto, a vantagem no percentual de alfabetizados da população branca e amarela em relação às populações preta, parda e indígena foi observada para todos os grupos etários analisados.

Os números apontam que a taxa de analfabetismo entre a população negra é mais do que o dobro da registrada entre a branca. Enquanto o índice de pretos e pardos que não sabem ler e escrever é de 10,1% e 8,8%, respectivamente, o percentual fica em 4,3% no segundo grupo.

TAXA TRÊS VEZES MAIOR

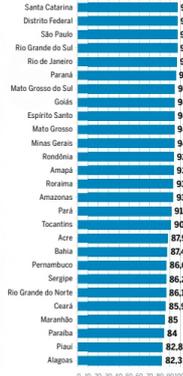
Entre indígenas, o contingente dos que não sabem ler e escrever caiu de 23,4% para 16,1%. Ainda assim, a taxa segue mais de três vezes maior do que a registrada entre os autodeclarados brancos. A redução mais expressiva foi observada na região Norte do país (de 31,3% para 15,3%).

— Parte dessa disparidade entre os indígenas se deve às diferentes línguas faladas pelos povos e ao fato de muitos não terem acesso à alfabetização da língua portuguesa. Mas também tem a ver com o fracasso de políticas específicas de ensino, que não levam em consideração as particularidades de cada povo — avalia Claudia Costin.

Os homens indígenas de 15 anos ou mais têm taxa de alfabetização de 85,7% — 1,4 pontos percentuais acima do índice registrado entre mulheres indígenas (84,3%). O dado vai na contramão do panorama geral brasileiro, que aponta que o percentual de mulheres que sabem ler e escrever é 93,5%, enquanto o de homens é 92,5%.

Na população brasileira como um todo, a vantagem feminina foi verificada em todos os grupos etários analisados, exceto entre pessoas com 65 anos ou mais de idade. Nessa faixa etária, 79,9% dos homens sabem ler e escrever, segundo os critérios do IBGE, enquanto 79,6% das mulheres são alfabetizadas.

Veja ranking dos estados com maiores e menores taxas de alfabetização no Brasil (em %)



EDITORA DE ARTE

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Brasil Pagina: 4